

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

**QUEBRANDO PRECONCEITOS, SENSIBILIZANDO OLHARES: DEBATES
SOBRE GÊNERO NUMA TURMA DE SEXTO ANO DA CIDADE DO RIO DE
JANEIRO**

ESTEVES SANTISO DIEGUEZ, Lucilia Maria¹

Resumo:

Considerando os obstáculos vivenciados pelos professores(as) de História, remando contra narrativas infundadas, que visam obscurecer a ciência histórica e a prática docente, esta pesquisa discute um trabalho, elaborado e aplicado por mim numa turma de sexto ano da cidade do Rio de Janeiro. Pensando numa atividade sobre o Dia Internacional da Mulher, foram utilizados três tipos de fontes aos discentes: um artigo da escritora Djamilia Ribeiro, que trata do empoderamento feminino, apontando reflexões sobre a desigualdade de gênero, perpassando pelos abismos impostos ao sexo feminino em nossa sociedade; uma charge referente à diversidade de gênero, funcionando como um clamor às questões atuais, tais como aborto, visibilidade trans, respeito às mulheres negras e ainda ao uso do véu nas mulheres muçulmanas; e por último outra charge que tratava de questões também dos dias de hoje, como: auxílio creche, fim do assédio sexual e moral, da violência de gênero, da homofobia e assuntos sobre licença maternidade. O material apresentado suscitou um profícuo debate sobre as temáticas, configurando falas e escutas sensíveis de meninos e meninas, que trouxeram depoimentos, muitas vezes fortes, sobre momentos vividos em suas famílias acerca de assédios e demais violências de gênero.

Palavras-chave: Alunos. Aprendizagem. Ensino. Gênero. História.

1. Aspectos introdutórios.

Lecionar não só exige o desenvolvimento de uma criticidade constante, mas, nos dias de hoje, a defesa da sobrevivência deste criticismo, pilar do Ensino de História. Os esforços constantes de correntes negacionistas, que promovem ataques infundados à ciência como um todo e, especificamente, aos fatos históricos e às pesquisas consolidadas ou em andamento, colocam o então Ensino de História em vulnerabilidade.

¹ Mestre em História Social- Universidade Federal Fluminense, Professora de História da Rede Básica de Ensino, Prefeitura do Rio de Janeiro. Email: historialucilia@gmail.com.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Esse lócus periclitante se manifesta através de um frequente patrulhamento às temáticas trabalhadas em sala de aula, entre elas, as múltiplas faces da intolerância, citando aqui, diretamente, a de gênero. É possível inferir que vários estratos sociais, ao mesmo tempo que agem com incomplacência, não aceitam que a mesma seja discutida nos espaços de saberes, entre eles, o da escola. De acordo com Medeiros e Rovai (2021), esta tensão se explica assim:

Nos últimos anos, o Brasil assiste a uma onda reacionária de grupos fundamentalistas que atacam a escola, a ciência e a universidade sob a alegação de que estas seriam agentes da divulgação e da imposição nos ambientes escolares de uma suposta “ideologia de gênero”, entendida como uma forma de doutrinação contra a família tradicional e a ordem moral cristã. (MEDEIROS, ROVAI, 2021, p. 145)

Enquanto docente, percebo que tudo que envolva gênero, é compreendido por muitos familiares dos alunos, como algo nocivo e que, no entendimento dos mesmos, provoca desvios de conduta em seus filhos e filhas. Tal raciocínio se deve a uma série de discursos promovidos por diferentes segmentos de governo e de demais grupos que, em grande parte, apresentam dados inverídicos, numa tentativa de sustentarem ações preconceituosas e de segregação, assim como reproduzirem falas machistas, sedimentadas numa sociedade patriarcal que, a todo instante, evoca reações que desqualifiquem o sexo feminino.

O presente artigo apresenta uma proposta elaborada por mim, no ano corrente de 2022, numa turma de sexto ano do ensino básico do Rio de Janeiro, sobre o empoderamento feminino. O trabalho, desenvolvido no dia 8 de março, data do Dia Internacional da Mulher, procurou levantar as inquietações do público acerca das vivências femininas, que vão desde os casos de feminicídio que pululam no Brasil, passando pela orientação sexual, assédio, direitos e, o que mais surgiu como incômodo entre meninas: o olhar que se tem sobre a mulher na sociedade.

O objetivo era articular as ideias e os saberes trazidos pelos alunos ao conceito e à epistemologia do tema tratado, estimulando-os e orientando-os a entenderem as relações de gênero a partir das questões étnico-raciais, da necessidade de se desconstruir uma

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

sociedade que privilegia o sexo masculino, do entendimento da diversidade sexual, da atuação – ativa ou inativa- do Estado, das diferenças de classe e das lutas constantes por visibilidade na sociedade.

Medeiros (2021) argumenta que:

[...] o gênero tornou-se categoria de análise que identifica construções históricas e sociais praticadas a partir da percepção das diferenças sexuais, de classe e de raça e que está presente em todo nosso mundo cultural. As relações de gênero organizam-se e são organizadas, produzem e são produzidas no tempo, assim também a sexualidade e a raça, enquanto dimensões fundamentais da experiência humana, podem evidenciar construções históricas que envolvem relações de dominação e de subordinação. Por este motivo, gênero, raça e sexualidade são assuntos históricos. [...] (MEDEIROS, 2021, p. 10)

Afirmo que, o empenho colocado pelo docente, no enfraquecimento de visões que calam as mulheres, deve vir acompanhado de uma preocupação em sensibilizar olhares sobre os assuntos. Concordando com Medeiros (2021), as relações históricas, muitas delas, foram circundadas por questões de domínio, logo, isto deve ser apresentado e debatido com os estudantes; segundo, porque em se tratando de uma plateia de crianças e pré adolescentes, há de se mensurar os mais variados discursos que surjam: da sensibilidade à indiferença. É justamente onde são averiguadas as práticas de desprezo, que o Ensino de História contribui, chamando a atenção para as historicidades construídas acerca das relações de gênero ao longo do tempo, discutindo suas conquistas e dificuldades, e ainda as formas que imputam alguns indivíduos condições de invisibilidade social.

Mais uma vez pautamos nossos argumentos em Medeiros (2021), quando diz que “[...] Em outras palavras, nas aulas de História esses temas devem ser discutidos sempre, inseridos nos contextos e nos eventos históricos abordados nos conteúdos.” (MEDEIROS, 2021, p. 11) Em poucas palavras, o docente de História não deve esperar um momento oportuno para discorrer sobre isto. O gênero não só esteve e está presente nos pontos de conteúdo, assim como faz parte desta geração que compõe o trabalho. A todo instante, os alunos trazem suas inquietações e vivências, relatando suas impressões. Por isso, é papel fundamental do professor e da escola como um todo, articular essas experiências aos

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

contextos históricos, mediando a edificação do conhecimento dos estudantes e, um pouco mais, auxiliar no desenvolvimento de uma sociedade que não seja hostil ao gênero, em suas falas e práticas.

2. Discussões teórico metodológicas.

A atividade planejada foi propositalmente aplicada no Dia Internacional da Mulher, primeiro para desconstruir uma prática, ainda muito frequente nas escolas, de comemoração da data em questão, colocando um véu nas lutas femininas ao longo do tempo; segundo, para oportunizar os estudantes de trabalharem diferentes fontes e problematizá-las sobre o tema, construindo seus resultados; terceiro, a escolha de uma classe do sexto ano foi feita especificamente para romper o tabu que foi e é imposto para estas discussões de categoria de gênero com alunos e alunas na faixa etária dos 11 anos e, também em idades maiores, muitas vezes.

As ações engendradas buscavam reflexões da classe a respeito de marcadores sociais que naturalizam a subordinação, a intimidação e a invisibilidade de categorias de gênero. Acerca deste papel pedagógico, Medeiros (2021) alerta para um compromisso docente com as pessoas que vivem as dissidências quanto às ideias de feminilidade, masculinidade, entre outras, que devem ter seus direitos garantidos e, conseqüentemente, respeitados. Neste sentido, pautamos o debate da referida atividade, levantando as dúvidas, interpretações e cotidianos trazidas pela turma, entendendo que memórias, passado e presente dos mesmos se identificam com as fontes interpretadas.

Raciocinando a tarefa, foi elaborado um plano de aula que levasse em consideração inúmeros fatores: tempo da aula, quantidade de alunos em sala, tema, escolha das fontes e principais indagações. O quadro abaixo detém os principais pontos abarcados:

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Quadro 1. Plano de aula 1602- 8/3/2022.

QUANTITATIVO DE ALUNOS NA TURMA/ TEMPOS DE AULA	- 32 ALUNOS - 2 TEMPOS, QUE TOTALIZAM 100 MINUTOS.
TEMÁTICA	EMPODERAMENTO FEMININO: O QUE É?
OBJETIVOS	PROMOVER UM DEBATE QUE CONSTITUA SENSIBILIDADE ÀS RELAÇÕES DESIGUAIS DE GÊNERO E ÀS LUTAS PELAS CONQUISTAS FEMININAS, CONSIDERANDO O EMPODERAMENTO
FONTES TRABALHADAS	-TEXTO DE DJAMILA RIBEIRO: “O QUE É O EMPODERAMENTO FEMININO” -CHARGE “MEU CORPO MINHAS REGRAS” -CHARGE SOBRE LUTA DOS DIREITOS FEMININOS
QUESTÕES CHAVE A SEREM FEITAS	- VOCÊ SABE O QUE É EMPODERAMENTO? - QUE PONTOS VOCÊ DESTACA DAS CHARGES? - COM QUAIS ITENS VOCÊ SE IDENTIFICA NO TEXTO E NAS CHARGES? COMENTE. - VOCÊ JÁ PASSOU POR ALGUMA DESTAS SITUAÇÕES RETRATADAS?
HABILIDADES	-CAPACIDADE ANALÍTICA DAS FONTES TRABALHADAS; -SENSIBILIDADE ÀS QUESTÕES DE GÊNERO; - ARGUMENTAÇÃO SOBRE PROBLEMAS SOCIAIS E COTIDIANOS: INTOLERÂNCIA DE GÊNERO, MISOGINIA, MACHISMO E DESIGUALDADE DE GÊNERO;

Fonte: A autoria própria. Rio de Janeiro. Mar 2022.

Instituídas as estratégias, deixo claro neste texto que o planejamento estava aberto às outras indagações que surgissem no desenvolvimento da atividade. Um dos artifícios

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

para comentar sobre gênero foi justamente trabalhar dois tipos de fontes, a fim de avaliar algumas habilidades dos educandos, entre eles a analítica e ainda o critério argumentativo e da sensibilidade perante os problemas sociais elencados no plano de aula. Partindo disso, assento minha pesquisa em Medeiros (2021), quando diz que:

Nesse reconhecimento dessas construções sociais na História pela narrativa da História ensinada, diferentes fontes e linguagens para a produção de aprendizagens na educação histórica devem ser utilizadas. [...] Apesar da importância do livro didático, recurso presente na maioria das escolas brasileiras, há décadas inúmeras pesquisas e debates já apontam para suas limitações. Assim, as potencialidades dos debates serão mais exploradas [...] quando articuladas a outras fontes e linguagens como músicas; biografias; textos veiculados nas mídias, entre tantas outras possibilidades [...] (MEDEIROS, 2021, p. 12-13.)

Entendemos que vale aqui uma breve reflexão sobre a consciência histórica, já que os processos de aprendizagem foram averiguados a todo instante. Conforme Martins (2019), raciocina-se o seguinte:

(...) A aprendizagem histórica é informal (no ambiente usual da vida prática) e formal (no sistema escolar). Todo processo de aprendizado supõe a consciência histórica, contribui para sua constituição e consolidação, precisa dela para firmar-se e desenvolver-se. (MARTINS, 2019, p. 56)

Portanto, compreendemos que o conjunto formativo da consciência histórica engloba as vivências, experiências dos alunos, efetivadas fora da escola e tudo aquilo que, o espaço da sala de aula lhe oferece. Em prática, o docente de História contextualiza as relações de gênero ao longo do tempo e seus formatos, muitas vezes marcados por desigualdades, invisibilidades e partindo disso, alunas e alunos aliam às suas realidades, estabelecendo sentidos e sensibilizando seus olhares aos fatos. Ciência histórica e bagagem dos estudantes percorrem a mesma via e consolidam a aprendizagem. Medeiros e Rovai (2021) reforçam essa ideia:

“[...] apontamos a necessidade de a sala de aula tornar-se um espaço dialógico e polifônico, no sentido de que aluno (a)s se tornarem meros reprodutores de narrativas às quais sejam incapazes de atribuir sentidos. [...] a aula é lugar de encontro, dos usos de recursos que permitam a troca [...]” (MEDEIROS, ROVAI, 2021, p. 141)

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Intencionando uma perspectiva de entendimento do processo de empoderamento feminino, perpassando por busca de direitos e de reconhecimento, visibilidade social, o projeto buscou em dois tempos de aula (cinquenta minutos cada), o estabelecimento de uma ambiência dialógica, onde se avalia o aluno estudante e não, aprendiz, conforme defende Bittencourt (2021): “Nessa perspectiva, foi significativa a mudança do lugar do professor e do aluno na aula ao substituir o método expositivo pelo método dialogado” (BITTENCOURT, 2019, p. 165). Antes de tudo, a elaboração da proposta foi traçar caminhos para sensibilizar olhares às questões que fazem parte da vida de todos e de todas.

3. Quebrando preconceitos, sensibilizando olhares. Reflexos e reflexões.

Ao erguer o plano de aula sobre gênero, enfatizando a questão do empoderamento feminino, o maior cuidado foi orientar alunas e alunos a repensarem os papéis femininos a partir de posturas ativas e não de coadjuvantes. Primeiro, separar as ações das mulheres nos diferentes tempos históricos da imposição da invisibilidade por sujeitos masculinos. Procurei mostrar-lhes que, sempre mulheres trabalhavam, sustentavam casas, se destacavam em ambientes variados, como investigou DIEGUEZ (2021), biografando uma negociante do século XIX:

As mulheres do XIX nada tinham de estáticas; nos estratos populares e abastados suas ações movimentavam a economia brasileira da época. Em se tratando do meio mercantil carioca do período citado, a maioria masculina era visível, no entanto, a presença feminina era marcante com grandes fortunas e poderes em negócios de longa distância, caso da biografada em questão, Leonarda Maria da Silva Velho. (DIEGUEZ, 2021, p.9)

Portanto, inferimos que, em todos os percursos da História, as mulheres estavam presentes, exercendo atividades laborativas, comandando suas famílias, exercendo as maternidades, sendo proeminentes, entretanto, suas trajetórias eram silenciadas devido à uma estrutura patriarcal; mais uma vez, lembrando que suas ações não eram secundárias, mas era colocada uma cortina por cima de seus feitos.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Em seguida, na turma de sexto ano foi distribuído o texto “O que é o empoderamento feminino” da filósofa Djamila Ribeiro. Prevendo alguns comportamentos dispersivos, propus que lêssemos em voz alta e parássemos quando julgássem necessário para que fossem feitas intervenções. Com linguagem acessível, a autora inicia, explicando ao leitor o significado do termo “empoderamento”, hoje tão utilizado por adolescentes, mídias e movimentos sociais. De acordo com Ribeiro (2017):

O termo empoderamento muitas vezes é mal interpretado. Por vezes é entendido como algo individual ou a tomada de poder para se perpetuarem as opressões. Para o feminismo negro, empoderamento possui um significado coletivo. Trata-se de empoderar a si e aos outros e colocar as mulheres como sujeitos ativos de mudança. (RIBEIRO, 2017)

Ao término, solicitei-lhes que realizassem uma leitura silenciosa e que destacassem trechos considerados fundamentais para cada e, caso houvesse dúvidas, que também as registrassem. Em seguida, muitos pediram a fala, convergindo num ponto: que o texto ressaltava a relevância das mulheres apoiarem umas às outras; destacaram ainda a importância de não se ter um comportamento machista, relatando situações que vivenciavam diariamente: enquanto meninas se diziam muito incomodadas por serem banidas de determinados espaços, como o futebol no recreio, uma vez que indivíduos do sexo masculino diziam “futebol é pra homem”, os meninos da sala relatavam casos de assédios sofridos por mães, irmãs, amigas de classe.

Todas estas vozes se encaixavam com a fala do texto, onde Djamila Ribeiro reforça que o empoderar-se significava enfrentar a naturalização de relações sociais desiguais e lutar por uma transformação, isto é, por igualdade frente a um universo que privilegia o sexo masculino. O fato das crianças enxergarem essa disparidade, que imputa ao sexo feminino uma condição de invisibilidade e de expressarem desconforto diante desta prática, nos leva a inferir que as relações de sentido eram estabelecidas, percebendo que as ações históricas faziam parte de suas vidas e de suas realidades, conseqüentemente.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

À medida que os relatos cresciam, apresentei-lhes outras duas fontes, que serviriam para relacionarmos ao texto de Djamila Ribeiro. Tratavam-se de duas charges. Ei-las:

Figura 1. Empoderamento.



Fonte. Disponível em: chargeonline.com.br. Acesso em: 4 de março de 2022.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Figura 2. A mulher tem direito sobre o próprio corpo.



Fonte: Disponível em: crocomila.blogspot.com. Acesso em 4 de março de 2022.

Partindo da distribuição do material, realizei duas das perguntas que constam do planejamento descrito no Quadro 1: “com quais itens você se identifica no texto e nas charges?” e “você já passou por alguma destas situações retratadas?” A maioria das meninas afirmou já ter sofrido assédio nas ruas, assim como muitos dos meninos retrataram situações iguais, vividas principalmente em relação às irmãs, que inclusive foram seguidas nas ruas por indivíduos maiores de idade, adultos. Uma das estudantes revelou a violência doméstica sofrida pela mãe e os meninos que optaram por falar, disseram que o “lugar de mulher é onde ela quiser.”

Em se tratando de uma turma, cuja faixa etária é de 11 anos, as falas proferidas foram bastante valorosas, principalmente quanto aos assuntos do feminicídio e do aborto. Em momento algum, o direito de se decidir sobre uma gravidez foi polêmico na sala e inclusive, muitas das meninas expuseram o desejo de não se tornarem mães no futuro. Comentamos sobre o direito negado à mulher sobre o próprio corpo no Brasil e que as lutas e conscientizações são importantes para que avancem as discussões sobre o tema no país. Em nenhum momento houve alguma fala imbuída de moralismos.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Seguindo a análise das charges, algumas meninas – sempre se manifestando em maiores números que os meninos- chamaram a atenção para o tema da homofobia e do respeito aos direitos deste estrato. A todo instante surgiam associações ao cotidiano de cada ou de alguém conhecido que sofrera ataques deste tipo e uma parte do público feminino da classe revelou não só sua orientação sexual, como também se identificou com o fato de querer decidir sobre se depilar ou não. A propósito, muitas disseram ser a não depilação um tabu para outras pessoas.

O fato de discutirem abertamente sobre as questões de gênero, elencando, cada estudante, sua trajetória e daqueles que os rodeiam, apontam o entendimento das relações de poder que permearam e permeiam o universo no qual está mergulhado o feminino. Compreender que o direito das decisões sobre o próprio corpo, que a reivindicação por igualdade, assim como a percepção do assédio moral e sexual sofrido por mulheres é algo do tempo presente, indicam uma percepção, por parte dos alunos, de que existem outros tantos indivíduos que negam a equidade e a existência plena a outras coletividades.

4.Considerações finais.

Antes de identificar as habilidades desenvolvidas pelos alunos, o docente deve disponibilizar fontes que suscitem reflexões sobre a temática que intencione trabalhar. As impressões dos estudantes, reconhecendo e identificando, mediante argumentos sólidos, que, tanto o texto sobre empoderamento quanto as charges, propunham transformações para as relações com padrões de sujeição, significa uma forma de dizê-los que é possível. É possível repensar e agir num rumo à visibilidade feminina, pensando como um coletivo, quebrando sim os preconceitos e sensibilizando os olhares para o gênero.

Referências

BITTENCOURT, Circe. Método de Ensino. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Orgs.). **Dicionário de Ensino de História**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019, p. 162-167.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

DIEGUEZ, Lucilia M. E. S. **Dona Leonarda Maria da Silva Velho**: uma Dama da Corte Imperial. SP: Editora Dialética, 2021.

MARTINS, Estevão Rezende. Consciência histórica. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Orgs.) **Dicionário de Ensino de História**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019, p. 55-58.

MEDEIROS, Kenia Gusmão; ROVAI, Marta G. de O. Saberes, experiências e diálogos: ensino de História, gênero e História Pública. **Ensino e Pesquisa**, União da Vitória, v. 19, nº 1, 2021, p. 138-153. Disponível em: [Ensino & Pesquisa, v. 19, nº 1, 2021 | Ensino & Pesquisa \(unespar.edu.br\)](#). Acesso em: 2 jan. 2022.

RIBEIRO, Djamila. O que é o empoderamento feminino?. **Carta Capital**. SP, 25 set. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br>. Acesso em: 10 jan. 2020.

ROVAI, Marta G. de O. MONTEIRO, Livia Nascimento (Orgs.). **Gênero, sexualidades e relações étnico-raciais**: um guia para o ensino de História. Alfenas: Editora Universidade Federal de Alfenas, 2021.